

CULTURA, TRADUÇÃO E VIVÊNCIA DO SIGNIFICADO

Aires Graça

Docente da Universidade Nova de Lisboa

«Os dicionários, coitados, sabem o que dizem,
mas não sabem falar.»

Miguel Esteves Cardoso¹

Do ponto de vista da prática de tradução, a cultura é, num *sentido mais lato*, o lugar do conhecimento intersubjectivo que permite actualizar, cada vez com mais eficácia, uma relação de equivalência interlingual. A cultura permite intuir, reconhecer, experimentar ou investigar os hábitos linguísticos e extralinguísticos, as idiossincrasias e os mecanismos inconscientes que podem estar por detrás da produção e recepção do texto de partida e do texto de chegada. Este lugar de operacionalidade é componente insubstituível da **competência do tradutor**.

Num *sentido mais restrito*, a cultura aparece-nos também como um **contexto** que permite, face à plurissignificação, seleccionar alternativas translatórias nos casos em que o contexto linguístico e o contexto situacional nada podem fazer, especialmente ao nível das conotações e do efeito, onde constantemente se actualizam horizontes de expectativa ideológica, lógica, emocional e textual.

Em ambos os casos, do ponto de vista da prática da tradução, a cultura manifesta-se sempre como espaço de interculturalidade e intersubjectividade, como espaço de busca do outro, da alteridade perdida ou recalçada.

I

O significado como vivência intersubjectiva e intercultural

Nos anos 50, as ciências da tradução fazem passar a ideia de que a tradução pode ser um processo de correspondência mecânica (gramatical e lexical). Seguem as tendências da linguística que pretende afirmar-se como ciência e que, sob a influência do cientismo, do objectivismo e do formalismo da época, vai acentuar o lado «concreto», mensurável, formulável em lei e verificável do fenómeno linguístico e vai negligenciar as componentes subjectivas, variáveis, casuais.

As ciências da tradução tornam-se coadjuvantes do projecto da tradução mecânica: procuram mecanismos linguísticos correspondentes entre duas línguas (gramática e léxico), ocupam-se somente de textos que permitam uma correspondência de 1 para 1, ou perto disso (põem-se de lado os textos literários!), e encaram o processo de tradução como mudança de código (descodificação > recodificação).

Ainda hoje, o grande público lavra na ideia de que para se traduzir basta saber falar duas línguas, saber a correspondência das palavras, da gramática e dos idiomatismos, ignorando que é preciso um bom exercício de intersubjectividade. A caricatura desta ideia é aquela outra de que para se traduzir basta ter um dicionário. Quem não se lembra das frases com que professores e alunos exorcizavam pelo riso a miséria

¹ Miguel Esteves Cardoso, *Explicações de Português*, Lisboa, Assírio & Alvim 2001, p. 383.

translacional que se revelava na aprendizagem das línguas: «Avec alors par ici. Encore bien que je te trouve!» (Com que então por aqui. Ainda bem que te encontro!); Don't make me flat! I'm myself in inks for you!» (Não me chateies! Estou-me nas tintas para ti!).

Será a abordagem linguístico-comunicacional que irá apresentar a tradução segundo os princípios de uma equivalência dinâmica. A tradução já não é vista como um acto puramente linguístico de mudança de código, mas como um acto comunicativo em que a mudança de língua é um entre muitos outros aspectos. É acentuado o carácter arbitrário e não fixo do signo linguístico, que depende dos contextos para se realizar. Os problemas semânticos passam para primeiro plano, sendo relacionados com o comportamento humano, a psicologia, a filologia. O receptor aparece também como medida do processo de tradução. A língua e a cultura tornam-se um binómio inseparável.² Todas as abordagens posteriores da tradutologia foram dando novos contributos para uma consciência da complexidade do fenómeno da tradução.³

A noção da cultura como lugar de intersubjectividade, onde constantemente nos vemos através do outro e vemos o outro através de nós, vem precisamente da prática da tradução, não só de textos controversos, retorcidos, desestruturantes, em que nos movemos como em campo minado, mas também dos outros, perfilados ou mesmo burocráticos; da dificuldade em ser imparcial ou empático (fazer a viagem com o texto); das consultas aos dicionários, aos glossários, às enciclopédias, à procura de um ponto de intersubjectividade que assegure a compreensão; dos telefonemas aos amigos e conhecidos, para acertar pontos de vista ou formas de dizer; das perguntas aos mais novos ou aos mais velhos, para saber como eles dizem, como pensam, como entendem...

Esta ideia também já vem de um tratado de Umberto Eco sobre semiótica, onde se diz «que a cultura, como um todo, é um fenómeno de significação e comunicação e que humanidade e sociedade só existem a partir do momento em que se estabelecem relações de significação e processos de comunicação».⁴ É verdade que estas relações e estes processos não se esgotam na língua, mas na tradução passam sempre por ela.

Quando falamos de cultura em tradução estamos, por isso, a falar de «relações de significação e processos de comunicação» que envolvem duas línguas, e às vezes mais (como no caso das citações em língua terceira, dos empréstimos, dos estrangeirismos), cada uma com as suas peculiaridades e hábitos diversificados, cada uma contemplando variantes pessoais (idiolectos), grupais (sociolectos) regionais (falares, dialectos) e, às vezes, nacionais, continentais (europeias,

africanas, etc.), cada uma com inúmeras componentes da descrição linguística a ter em conta (a gráfica, a fónica, a fonética, a prosódica, a morfológica, a sintáctica, a lexical, a semântica, a pragmática, a estilística, a textual) todas significantes⁵, cada componente potencialmente caracterizada pela plurissignificação.

Metaforicamente falando, ou talvez não, mergulhamos num caos, não no sentido de desordem, mas no sentido – utilizado pelas ciências de ponta – de uma ordem que não dominamos, que somente gerimos, precariamente, com vista a assegurar a comunicação. O princípio teórico e pessimista de que uma *tradução* é sempre uma *traição* não é produtivo, pois parece negar a possibilidade de comunicação. Claro que uma tradução nunca é o original, assim como a recepção de um qualquer acto comunicacional nunca é o original, mas uma criação sobre um objecto outro e, nessa óptica, também sempre uma traição. (Um trauma sobre uma palavra ou uma frase pode transformar uma declaração sincera e pacífica de amor numa agressão e numa declaração de guerra). Mas nós continuamos a comunicar.

Produtiva, neste quadro, é a noção de cultura como lugar de intersubjectividade que permite actualizar com cada vez mais eficácia uma relação de equivalência interlingual. Como é que se manifesta no tradutor?

- (a) Como capacidade receptiva e de vigilância, no que diz respeito às relações de significação e processos de comunicação, nas línguas e fora delas.
- (b) Como potencial de compreensão dessas relações e desses processos, através da capacidade de adaptação aos modelos dos outros pelo princípio da semelhança. É a compreensibilidade que permite a traduzibilidade!
- (c) Como experiência directa ou indirectamente vivida. Também indirectamente, porque um livro, um filme ou uma notícia que nos toca pode ter para a consciência um efeito mais profundo que um drama pessoal.
- (d) Como intuição, que sabe, detecta, opera, sem racionalizar. Há óptimos autores e tradutores incapazes de verbalizar os seus processos!
- (e) Como informação adquirida que funciona como enciclopédia.
- (f) Como capacidade activa de investigação, de fazer perguntas direccionadas e de seleccionar respostas.
- (g) Como capacidade de autocritica, semelhante à do psiquiatra que não mais deixa de se psicanalisar. Muitas vezes, esta capacidade manifesta-se também como instância intersubjectiva de autocensura (os colegas, os críticos, os patrões ...).

Esta cultura é afinal a competência que se exige de todos os profissionais da intersubjectividade: tradutores, professores, psiquiatras,

² Cf. Werner Koller, *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*, 4ª ed. rev. e aum., Heidelberg e Wiesbaden, Quelle & Meyer 1992, pp. 148-158.

³ Cf. Ana Maria Garcia Bernardo, *A Tradutologia Alemã. Tendências e Perspectivas na segunda Metade do Século XX*, Diss. Univ. Nova de Lisboa, Lisboa 1999.

⁴ *Trattato di Semiotica Generale*, Milão, Bompiani 1975, p. 36.

⁵ Para exemplificação do carácter significante de algumas destas componentes, *vd.* Aires Graça, «Da sedução. Poemas Eróticos, Traduzir Brecht... até à obscenidade», *adágio. Revista do Centro Dramático de Évora* 2/22, Jun. 1998-Jan. 1999, pp. 203 ss.

Cultura, tradução e vivência...

psicólogos, médicos, juizes... De uma perspectiva prática, o exercício da cultura manifesta-se como busca de alteridade, como consciencialização do subjectivo em busca do intersubjectivo.

II

Contexto cultural e desambiguação

Passemos agora a ler a cultura, no sentido restrito, como estratégia de desambiguação, com vista à actualização do significado.

Um dos grandes problemas da actividade translatória advém do fenómeno da plurissignificação, isto é, da característica de uma mesma unidade (palavra ou expressão) poder ter mais que um significado, por vezes mesmo significados contraditórios ou antagónicos. Apercebemo-nos imeditamente disso quando folheamos um dicionário, cujas entradas, por vezes de páginas, apresentam as várias alternativas de significado. Ora nos casos de plurissignificação, a selecção do significado faz-se através do contexto.

Imaginem que alguém, sem dar o contexto em que a palavra aparece, pergunta o significado de «flat» em inglês. A resposta só por sorte não sairá um disparate e isto por uma dupla ordem de razões. É que, para além da plurissignificação lexical (relação do signo linguístico com vários referentes extralinguísticos, coisas ou ideias), existe ainda uma plurissignificação gramatical (como uma unidade poder ter as valências «substantivo», «verbo», «2ª pessoa», «transitivo», etc.). Pensamos no geral somente na primeira, esquecendo que a segunda também pode ser considerável. Neste caso, a segunda multiplica a complexidade da primeira por quatro, pois o dicionário⁶ atribui a «flat» pelo menos quatro valências gramaticais: «substantivo», «adjectivo», «advérbio» e «verbo». Só depois de resolvermos, pelo contexto, o seu «significado» gramatical é que poderemos chegar, também pelo contexto, ao seu significado lexical.

Há três tipos de contextos de desambiguação:

- 1) O **contexto linguístico**, ou **co-texto**, isto é, outra palavra ou sequência de palavras, uma frase, um texto que fazem a desambiguação. Em «*sbe has a flat tyre*», a posição entre o artigo e o substantivo selecciona a valência gramatical «adjectivo», para o qual o dicionário adianta uma série de alternativas de significação lexical. O dicionário contempla ainda leques de significação lexical para outros «significados» gramaticais como «substantivo» (*apartamento/ palma* {de mão}/ *lado* {de lâmina de espada}/ *baixio/ charco/ bemol*/ etc.), «advérbio» (*nitidamente/ francamente/ etc.*) e «verbo» (*alisar/ achatar/ atenuar/ etc.*).

⁶ Embora não citando directamente todos os exemplos, ou suas traduções, apoiámo-nos na consulta do *Dicionário de Inglês-Português*, Porto, Porto Editora 1994; Manuel J. Martins *Dicionário Inglês-Português*, Porto, Editorial Domingos Barreira 1977 e *Concise Oxford Dictionary*, Oxford 1963.

Enquanto «adjectivo», o contexto linguístico de «flat» (dado entre parêntesis) poderá seleccionar, por exemplo, os significados:

- (foot) = chato
- (wine, party) = insípido
- (beer) = choco
- (lie) = evidente
- (tyre) = em baixo (furado ou vazio)
- (refusal) = taxativo
- (etc.) = etc.

Mesmo na possível tradução da frase por «*Ela tem um pneu em baixo*», subsiste uma plurissignificação (*furado? vazio?*) que só o garagista poderá desambiguar.

- 2) O **contexto situacional**, isto é, a situação concreta da comunicação. Trata-se de um contexto extralinguístico que define o significado nos casos de plurissignificação em que o contexto linguístico não ajuda. É o contexto situacional que nos diz se uma frase como «*Estou limpo*» significa «*Já me lavei*» (criança a sair do banho, para convencer o adulto), «*Continuo sem me drogar*» (toxicodependente numa reunião de anónimos), «*Não tenho cadastro*» (inquirição numa esquadra da polícia), «*Perdi todo o dinheiro que tinha*» (indivíduo numa mesa de jogo), etc.. Este contexto é do domínio da Pragmática, que estuda «as regras e princípios que regulam a língua em situação de uso».⁷
- 3) O **contexto cultural**, que algumas vezes erradamente se confunde com o situacional, é aquele em que a desambiguação se faz a um nível que não é nem o do co-texto, nem o da situação. Atravessa-os por vezes, mas coloca-se para além deles, pois resulta de um conhecimento que preexiste ao momento dos outros dois contextos. É aferido intersubjectivamente e sujeito a constante actualização. Situa-se num terreno em que os critérios são voláteis, ao sabor de hábitos e modas que se afirmam, se esfumam e regressam. Um tradutor experimentado detecta, no geral, a lacuna provocada pela ausência desse conhecimento e vai adquiri-lo.

Embora nem de muito longe nelas se esgote o exercício do contexto cultural, é nas **conotações** que conseguimos encontrar um bom exemplo de como este funciona. Para podermos expor o tema, tomemos como base uma sistematização das conotações de Werner Koller, que adaptaremos e preencheremos com grande liberdade.⁸

As conotações são marcas valorativas que diferenciam sinónimos ou quase sinónimos:

- (a) Por exemplo, *perecer, fenecer, falecer, morrer, quinar, espichar*, são sinónimos, mas divergem nas conotações que, neste caso,

⁷ Cf. significado frástico e significado do enunciado, in: *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, org. Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte, Carlos A.M. Gouveia, Lisboa, Ed. Caminho 1996, p. 385.

⁸ Cf. Werner Koller, *ib.*, pp. 240 ss.

definem níveis de linguagem, por ordem, de linguagem elevada, poética, padrão, comum, calão e ordinária.

O reconhecimento da conotação específica não depende, como vemos, de contexto linguístico ou situacional. É possível, no meio de uma elocução sublime, usar termos da linguagem comum, ou, no meio de uma elocução ordinária, termos de linguagem poética. As conotações detectam-se, sim, através de um conhecimento intersubjectivo que se possui, ou se investiga, e que precisa de ser constantemente testado.

Acrescentemos à lista *finar-se, esticar o pernil, apagar-se, defuntar, bater a bota*, etc.. Talvez a primeira série de palavras não levante muitos problemas de aceitação quanto às correspondências feitas, mas a situação pode tornar-se agora mais controversa. Haverá quem sinta *finar-se* como calão (a gente mais nova), outros sentem-no como elevado ou poético. Haverá quem sinta *esticar o pernil* como ordinário, outros só como calão. E assim por diante. As conotações variam com o tempo, com a geografia, com os grupos, com os indivíduos, e o tradutor tem de estar alerta e decidir pelo contexto cultural do texto de partida e do texto de chegada. Na base da intersubjectividade e interculturalidade. Não há outra forma.

- (b) As conotações também identificam grupos sociais e definem sociolectos. Reconhecemos a linguagem infantil (*popó, mamã, dói-dói, papar, fazer óó*), estudantil (*profe, marrão, caloiro, cábula, chumbo, auxiliar de memória*) de caserna (*ronda, in, maçarico, peluda, galões, pré, canbota*), de «tia» (*sei lá, 'tá a ver, giríssimo, adoro, adoro, adoro*). Podemos falar igualmente de uma linguagem do proletariado, da burguesia intelectual, das Igrejas; de uma linguagem esotérica, comercial, partidária, científica, etc..⁹
- (c) As conotações indiciam a origem geográfica. Quem não reconhece as conotações do Norte (*bueiro por surjeta, magnório por nêspera, cruzeta por cabide, aloquete por cadeado, hidrângea por hortênsia, canalha por crianças*) ou do Alentejo (*compadre, chaparro, monte, aventar, prantar*)? Poderíamos falar das conotações madeirenses, açorianas, beirãs, ou da variante brasileira. Dentro do alemão padrão, poderíamos falar das conotações bávaras, berlinenses, suíças, austríacas, etc..
- (d) As conotações assinalam períodos cronológicos determinados. Não podemos traduzir de um texto do século XIX que alguém está a «fazer fitas», porque o cinema como entretenimento de massas é um fenómeno dos princípios do século XX, assim como não podemos traduzir por «*Fixe, meu!*» ou «*Bué da naice!*» de um discurso juvenil dos anos 60 ou 70, sem incorrer em gritante anacronismo conotativo. Teríamos de dizer, por exemplo, «*fazer teatro*» ou «*Bestial, pá!*»

- (e) Apontam para o veículo de transmissão do discurso, identificando uma linguagem escrita (*preciso de ver-te com urgência*), uma linguagem oral (*preciso urgentemente de te ver*) ou uma linguagem telegráfica (*espero-te urgente*).
- (f) Remetem para um efeito estilístico determinado, que pode ser um toque arcaico (*como sói dizer-se*), afectado (*Mera questão de lana caprina!*), burocrático (*direito a licença de nojo*), explícito (*grávida*), eufemístico (*de esperanças, no seu estado interessante*), em moda (*na medida em que, alegadamente*) imagético (*no outono da vida*), etc..
- (g) Mas, acima de tudo, as conotações remetem para juízos de valor, como está implícito na definição inicial, e este é o terreno mais escorregadio e traiçoeiro que um tradutor pode enfrentar, porque o caldo de ideologias, religiões e respectivos sistemas morais que definem o «bem» e o «mal», isto é, o «positivo» e «negativo», entram ainda em caótica contradição não só com os sistemas legais, que dizem ter em vista o «bem» público, como com as vivências pessoais e subjectivas de «bem»-estar e «mal»-estar. A versão oficial está na maior parte das vezes em contradição com aquilo que cada um vê, pensa e sente, ou não se justificaria uma versão oficial.

Perante vários termos (ou expressões) sinónimos ou quase sinónimos, dizer que este tem, para o público-alvo, conotações positivas ou mais positivas e que aquele tem conotações negativas ou mais negativas é um verdadeiro exercício de psicanálise de massas, ou seja, de intersubjectividade e interculturalidade.

O domínio do que é «politicamente correcto» fornece-nos bons exemplos de fuga às conotações negativas e busca de sinónimos com conotações positivas. Como «*velhos* são os trapos», acarinham-se os *velhinhos* e assepticizam-se os *idosos*, a *terceira idade* e ainda os *seniores*. O Ministério falava dos alunos *reprovados*, depois dos alunos *excluídos*, a seguir dos *retidos* e finalmente dos que *não transitam*. Os países *pobres, do Terceiro Mundo*, designaram-se depois *carenciados, desfavorecidos* e finalmente *em desenvolvimento*. E assim por diante. Coexistem também as contracorrentes que procuram recuperar conotações positivas para as palavras caídas em descrédito (*velhos, patriótico, Nação*), ou impor conotações negativas a palavras tidas por positivas (*viril, musculado, liberal*).

O tradutor toma o pulso às palavras, quando se move neste terreno sensível do juízo de valor. Uma biografia suficientemente distanciada do chefe nazi das SS, Heinrich Himmler, diz dele a certa altura: «*Ein ausserordentlich fähiger Organisator und Administrator, sorgfällig und effizient, legte er eine erstaunliche Arbeitsleistung (...) an den Tag.*»¹⁰

⁹ Cf. tb. sugestões de Rade Gundis Stolze, *Übersetzungstheorien: eine Einführung*, Tübingen, Narr 1994, pp. 203 e 205.

¹⁰ Robert Wistrich, *Wer war wer im Dritten Reich*, Munique, Harnack 1983, p. 126.



Linguística e situacionalmente, nada obsta a que um tradutor simpaticizante ou distraído opte pela tradução: «*Organizador e administrador de extraordinária competência, cuidadoso e eficiente, revelou uma espantosa capacidade de trabalho.*»

Numa sociedade de valores humanistas, o tradutor respeitaria as conotações positivas presentes no texto, relativamente à capacidade técnica e de trabalho, mas evitaria o tom laudatório e de identificação proveniente, pelo menos, de «*extraordinária*» e «*espantosa*» e, talvez ainda, de «*cuidadoso*» e «*eficiente*», eventualmente associados ao bem-estar dos outros. O resultado poderia ser: «*Organizador e administrador extremamente hábil, esmerado e eficaz, revelou uma surpreendente capacidade de trabalho.*»

É o conhecimento dos contextos culturais do texto de partida e do texto de chegada que condicionam a selecção conotativa. A ignorância deste contexto pode produzir traduções monstruosas, no caso de palavras que permitem conotação e significação antónimas como, por exemplo, o adjectivo alemão «*ungebeuer*» (*extraordinário, monstruoso*). Uma frase descontextualizada como «*[Die SS war] Instrument eines ungebeuren Experiments moderner Erbgut-Manipulation*»¹¹ tanto pode dar a tradução «*As SS foram instrumento de uma fabulosa experiência de manipulação genética moderna*», como «*As SS foram instrumento de uma monstruosa experiência de manipulação genética dos tempos modernos*».

Para concluir, e pelo que vimos, um tradutor «sem cultura» terá dificuldades em desempenhar o seu papel. Como tradutor e como pessoa. Tendo ainda em mente a citação de Umberto Eco, a cultura não é só o primeiro passo para se ser humano, isto é, para se poder valorizar a humanidade, como também, enquanto exercício de intersubjectividade, o primeiro passo para a aprendizagem da democracia, isto é para dar voz ao outro, mesmo quando ela não ressoa a nossa. Para se ser universal ou inclusivo, isto é, para não excluir, só falta exercitar a empatia, que é a capacidade de se pôr no lugar do outro, constantemente.

¹¹ *Id. Ib.* p. 128.